

As Representações da Amazônia a partir do ChatGPT: Perpetuação de narrativas¹

João Gabriel Rosas LEITÃO²

Luan Correia Cunha SANTOS³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima

RESUMO

O presente trabalho busca compreender como ocorrem as representações da Região Amazônica, a partir da Inteligência Artificial Generativa, o ChatGPT e problematizar como são construídas e perpetuadas narrativas simplistas sobre a região, desde o século XV até os dias de hoje. Partimos de um estudo exploratório tendo base interações documentadas com a própria I.A, propondo um debate sobre a Amazônia e sua representação. Notamos que, apesar dos desenvolvimentos tecnológicos e a criação de outras linguagens, ainda é possível identificar dinâmicas de disputas de poder e significância em torno das narrativas identitárias amazônicas.

PALAVRAS-CHAVE

Inteligência Artificial; Amazônia; Narrativas; ChatGPT; Representação.

O ChatGPT, programa de Inteligência Artificial (I.A) criado por uma empresa sediada nos Estados Unidos e fundada por bilionários estadunidenses do ramo da tecnologia, como Elon Musk e Sam Altman, é categorizado como uma I.A generativa, que podem ser consideradas um dos maiores avanços tecnológicos desde a invenção da escrita, que marcou a transição entre a História e a Pré-História.

O programa gera textos em linguagem, dita por ele mesmo como “natural”, que tenta imitar uma conversa entre duas pessoas. O usuário (humano) pergunta ou insere um comando e o programa produz um texto a partir daquele comando, baseado em um banco de dados que a própria inteligência artificial chama de “conhecimento”.

Entre o resumo de um livro ou a criação de um lide jornalístico, o ChatGPT também pode fornecer informações ao usuário sobre questões mais complexas, que dizem respeito à cultura e sociedade de povos de todo o mundo, por exemplo.

Para colocar à prova o “conhecimento” do ChatGPT, pedimos ao programa para que conceituasse a Amazônia, a fim de entender que tipo de resposta a máquina foi treinada a dar para um comando tão complexo, que nunca teve um consenso na

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Comunicação Multimídia do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduando do 3º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima, email: joagrleitao@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, email: luanjack@gmail.com.

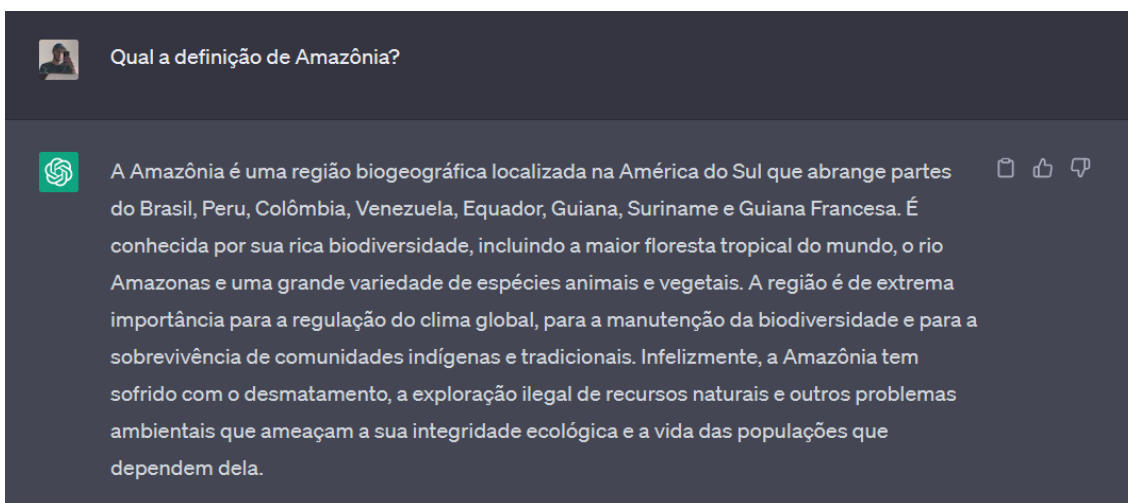
comunidade científica ou alguém que tenha chegado a uma resposta concreta para ele. De maneira instantânea, o programa respondeu.

Mas primeiro, por quê a Amazônia? Como aponta Márcio Souza (2019), a Amazônia é fruto de uma cega perseverança dos colonizadores que aqui construíram uma unidade produtiva. Uma terra inventada de fora, tendo como base a Índia e os relatos de peregrinos, missionários, viajantes e claro, comerciantes. A periferia da periferia em relação aos grandes centros, ora quase mítico no imaginário social da nação, que posteriormente virou um território que detinha as capitais mais modernas do Brasil no final do século XIX, e hoje apresentado por grupos políticos como um espaço subdesenvolvido a ser explorado, mantendo seu status folclórico de território pré-civilizado, ou pré-brasileiro, que encontra ecos inclusive no discurso de políticos que compuseram o governo nos últimos anos (SOUZA, 2019).

Mas, como podemos definir o que é Amazônia? E quais narrativas constituem os saberes sobre a Amazônia? Como esses saberes se perpetuam? As imagens históricas extremadas construídas sobre a Amazônia permanecem até hoje, com novas feições e intensidades. As disputas narrativas sobre a Amazônia existem desde o século XV, e hoje, podemos considerar que vivenciamos “representações simplificadas desta região” (BECKER, 1991, p. 7). O ChatGPT confirma esse discurso.

Quando estimulado a “definir” a Amazônia, o programa fornece um breve parágrafo, que começa com uma descrição do ponto de vista geográfico e simplista. Depois, parte para uma problematização superficial em torno dos problemas sociais enfrentados por comunidades amazônicas tradicionais e que afetam a vida das “populações que dependem dela (Amazônia)”.

Imagem 01 – Definição do ChatGPT: O que é Amazônia?



Fonte: O autor.

Fora das representações reducionistas, uma das possibilidades de interpretar a Região, é pensá-la enquanto um espaço complexo, diverso e ecossistêmico, com múltiplas possibilidades de conexões rizomáticas entre seus elementos.

Enquanto um espaço complexo e diverso, partimos do pensamento de Becker (1991) de que todas as regiões do país assumem contradições específicas, que se relacionam com a forma como as organizações sociais preexistentes são capazes de resistir às novas apropriações. A autora aponta que a Amazônia se insere em um contexto ainda mais específico por conta de suas temporalidades mais aceleradas em relação ao restante nacional, nela se sucedendo mais rapidamente as inovações.

A escolha e perpetuação das narrativas nada mais é do que um jogo de poder. Pierre Lévy (2000), expõe que a técnica (neste caso, a tecnologia da informação) é um reflexo direto da sociedade e da cultura, e portanto, não são entidades distintas. Para ele, metáforas como a do “impacto” das tecnologias, são inadequadas, uma vez que “é impossível separar o humano do seu ambiente material” (LÉVY, 2000). Segundo o autor, é o próprio homem, com toda a sua bagagem social e cultural que as desenvolve, e portanto, elas são como um espelho da sociedade e da cultura em que estão inseridas.

Sally Wyatt (2021), afirma que as metáforas — como a do “impacto” e a do “conhecimento”, usada pelo ChatGPT — “podem ser usadas para servir a interesses políticos, técnicos e econômicos particulares. Para Wyatt, as metáforas não são apenas descritivas, mas possuem uma função normativa. Portanto, têm o poder de definir a realidade. No caso do ChatGPT, por exemplo, para um usuário alheio à Amazônia, o conceito amazônico simplista oferecido pelo programa torna-se uma verdade quando

disseminado e pode até parar em um trabalho acadêmico ou escolar, uma vez que esse é um dos usos mais populares do programa.

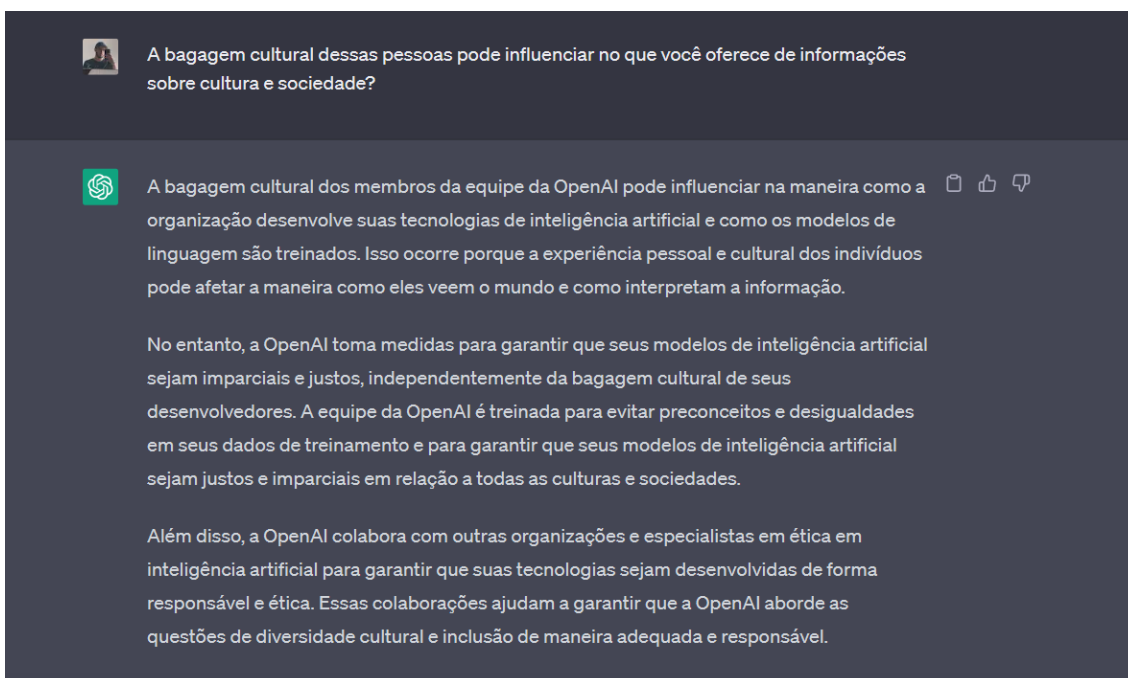
O pensamento de Lévy e Wyatt, converge com o de Manuel Castells quando o autor diz que “a cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet” (CASTELLS, 2003). Castells argumenta que existem grupos (de cima para baixo), que têm o objetivo de comandar as narrativas que regem o mundo, e o mundo hoje é ditado no ciberespaço, onde o ChatGPT opera.

É importante situar o ChatGPT como produto tecnológico de uma empresa que começou como uma organização sem fins lucrativos, mas que deixou de ser em 2020 (o próprio programa omite essa informação, a não ser quando desmentido), e que foi fundada por bilionários norte-americanos que detém o poder sobre os avanços tecnológicos e que lideram uma corrida semelhante à espacial que ocorreu na Guerra Fria, em busca do desenvolvimento de I.As cada vez mais poderosas.

Quando questionado, o programa afirma que as informações recolhidas e disseminadas por ele passam por uma curadoria que consiste na 1) utilização de uma variedade de fontes de dados, incluindo dados de diferentes culturas e idiomas, a fim de garantir a diversidade e a inclusão em seus dados de treinamento; 2) seleção cuidadosa dos dados que usa em seus modelos de inteligência artificial, garantindo que os dados não contenham preconceitos ou estereótipos que possam afetar a precisão ou imparcialidade dos modelos e por uma 3) revisão humana, onde a equipe da OpenAI revisa cuidadosamente os modelos de inteligência artificial, para garantir que não haja preconceitos ou desigualdades em sua programação.

Entretanto, quando perguntada sobre os atores que fazem a tal revisão humana, o programa lista seus criadores, no caso, os fundadores da OpenAI: Sam Altman, Greg Brockman, John Schulman, entre outros, em maioria, estadunidenses. Neste cenário, ele mesmo admite que a bagagem social e cultural dessas pessoas pode influenciar no desenvolvimento das inteligências artificiais desenvolvidas pela empresa.

Imagem 02 – A bagagem cultural do ChatGPT



A bagagem cultural dessas pessoas pode influenciar no que você oferece de informações sobre cultura e sociedade?

A bagagem cultural dos membros da equipe da OpenAI pode influenciar na maneira como a organização desenvolve suas tecnologias de inteligência artificial e como os modelos de linguagem são treinados. Isso ocorre porque a experiência pessoal e cultural dos indivíduos pode afetar a maneira como eles veem o mundo e como interpretam a informação.

No entanto, a OpenAI toma medidas para garantir que seus modelos de inteligência artificial sejam imparciais e justos, independentemente da bagagem cultural de seus desenvolvedores. A equipe da OpenAI é treinada para evitar preconceitos e desigualdades em seus dados de treinamento e para garantir que seus modelos de inteligência artificial sejam justos e imparciais em relação a todas as culturas e sociedades.

Além disso, a OpenAI colabora com outras organizações e especialistas em ética em inteligência artificial para garantir que suas tecnologias sejam desenvolvidas de forma responsável e ética. Essas colaborações ajudam a garantir que a OpenAI aborde as questões de diversidade cultural e inclusão de maneira adequada e responsável.

Fonte: O autor.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

CASTELLS, Manuel. A cultura da Internet. *In: A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LÉVY, Pierre. As tecnologias têm um impacto? *In: Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

WYATT, Sally. **Metaphors in critical Internet and digital media studies**. New Media & Society, 2021.